



POR UMA HISTÓRIA CULTURAL DA ESCRAVIDÃO, DA PRESENÇA AFRICANA E DAS MISTIÇAGENS

Eduardo França Paiva*
Universidade Federal de Minas Gerais
ef.paiva@uol.com.br

RESUMO: Proposta metodológica de pensar temas tão extensos, polêmicos e multifacetados, tais como a escravidão, a presença de africanos de várias origens nas Américas e as mestiçagens biológicas e culturais que aí se processaram, em perspectiva da História Cultural. Para tanto, optou-se por ensaiar comparações e conexões históricas, bem como por fazê-las a partir de fontes variadas, entre as quais se incluem documentos manuscritos coloniais, crônicas antigas, memórias oral e visual e iconografia. Os ensaios rapidamente realizados nos textos baseiam-se em extensa historiografia, em categorias e em conceitos que, principalmente, a partir de uma História Cultural ampla, desenvolvida nos últimos 30 anos, têm contribuído fortemente para a renovação dos estudos sobre a temática abordada.

PALAVRAS-CHAVE: Escravidão – Mestiçagens – Presença Africana – História Cultural – História Comparada – Histórias Conectadas.

ABSTRACT: Adopting a cultural history perspective, this essay explores a methodological proposal to think extensive, controversial and multifaceted subjects such as the slavery, the presence of Africans of different origins in the Americas, and the “racial” and cultural mixings (*mestizajes*) that developed there. By focusing on historical comparisons and relationships, the study considers a number of sources, especially colonial manuscripts, ancient chronicles, oral histories and iconographies. This efforts are grounded on an extensive historiography about categories and concepts coming from the past three decades cultural history which have contributed to a radically renewal of studies in this field.

KEYWORDS: Slavery – Mestizajes – Africans Presence – Cultural History – Comparative History – Connected Histories.

Engana-se redondamente quem julga ser a História Cultural uma narrativa simples, fútil e fácil de ser elaborada. Esses são comentários que ainda se escutam por aí

* Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, com estudos pós-doutorais na EHESS-Paris (2006/2007). Atualmente é Professor Associado da UFMG, coordenador do Programa de Pós-graduação em História, diretor do Centro de Estudos sobre a Presença Africana no Mundo Moderno-CEPAMM-UFMG. É pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, líder de grupo de pesquisa UFMG-CNPq, pesquisador associado ao MASCIPO/CERMA/EHESS-Paris, ao GDRI Esclavages – CNRS/EHESS-Paris e à EEHA/CSIC-Sevilla (projeto Las Fronteras y sus Ciudades-s.XVI-XVIII).

e Sandra Pesavento, com toda a sua tradicional e certa ênfase os combateu com competência e ironia próprias de seu viver! Muitas vezes conversamos sobre o tema e outros afins e acabamos rindo muito desses quadros toscos, construídos, quase sempre, no seio de reações simplórias, que, não obstante, terminam por constituírem frases de efeito e fantasias a serem combatidas por Dom Quixotes anacrônicos. Na verdade, qualquer “tipo” de História ou, melhor, talvez, qualquer “escola” historiográfica pode impactar uma época, pode “virar moda” e pode, também, direta e/ou indiretamente, ser apropriada e convertida em excelentes trabalhos, assim como em textos pífios. Não há qualquer novidade nisso e os exemplos seriam incontáveis, caso esse fosse o objetivo aqui. Mas, ao contrário, não é isso que se pretende e nunca se pretendeu, pelo menos entre os que, junto com Sandra, criaram e ajudaram a se desenvolver o GT de História Cultural da ANPUH. Foi justamente nesse contexto que, um dia, à procura de uma loja de roupas onde ela queria voltar para trocar uma peça comprada havia poucos dias, nos vimos meio confusos numa rua parisiense e entre idas e vindas nos sentamos em um café, para descansarmos. Foi assim, se não me equivoco, que a convidei para escrever um livro na coleção que eu, junto com Carla Anastasia, havíamos criado na Editora Autêntica: a História &... Reflexões. Sandra não hesitou um segundo sequer e, como quem já tivesse o livro pronto na cabeça, aceitou o convite e poucos meses mais tarde me encaminhou os originais do **História & História Cultural**, que foi lançado em 2003 e se transformou no título mais vendido da Coleção.

História & História Cultural pretendeu, desde a idéia original, ser um texto panorâmico sobre o que se chamou História Cultural a partir do último quartel do século XX, voltado para os “iniciantes”, como é o perfil da Coleção. Entretanto, foi muito além e continua sendo lido, também, por quem já acumula muita experiência na área. Nossa autora escreveu com autoridade e erudição, demonstrando, claramente, que não se tratava de perspectiva metodológica que poderia prescindir de longa e diversificada bagagem intelectual e historiográfica. A abordagem cultural da história é perspectiva que tem, necessariamente, que dialogar com todas as dimensões da realidade histórica, seja a economia, a política, a religiosa, seja o imaginário, a representação, o fantástico, o cotidiano, o biológico, etc..., que, sublinhe-se, não se encontram separadas na natureza para que os historiadores possam identificá-la, recolhê-las e montá-las em delirantes versões especulativo-científicas. E quanto mais profundo e apurado esse diálogo, melhor será a História Cultural realizada.

Quando decidi participar dessa homenagem póstuma e muitíssimo justa, não hesitei em homenagear Sandra Pesavento escrevendo sobre meu tema de predileção, a partir da perspectiva cultural, o que, na verdade, venho fazendo há alguns anos. Neste texto, entretanto, desejo ressaltar um elemento ainda meio que novo para mim, como de resto, para os historiadores da escravidão. Mesmo que aparentemente um tanto contraditório, desejo, justamente, tirar o “filtro” escravidão que há séculos permanece fixado sobre os milhões de homens e mulheres, novos e velhos, deslocados compulsoriamente de várias regiões africanas para várias regiões européias e americanas, entre o século XV e o XIX. Já advirto que não se trata de subtrair em nada os “pesos”, os impactos e os valores, sejam eles quais forem, do escravismo desenvolvido nesse período, que, de maneira inédita, a partir do fim do Quatrocentos, se consolidava em perspectiva globalizada. Trata-se, no entanto, de impedir que esse “filtro” tão largo e tão pesado continue induzindo a simplificações e generalizações empobrecedoras das realidades históricas vivenciadas e por vezes compartilhadas por esses agentes históricos submetidos à condição de cativos e/ou nascidos nessa condição. Devo complementar esse argumento/objetivo, lembrando que, em larga medida, essa escravidão que projetamos inconseqüentemente sobre o passado, não distinguindo espaço e tempo, é a versão elaborada internacionalmente pela opinião pública abolicionista do século XIX. Aqui está um dos muitos aspectos que vêm causando enormes distorções ao longo dos últimos 200 anos e que continua sendo reproduzido generalizadamente, inclusive por estudiosos do tema.

Uma História Cultural da Escravidão, portanto, pretende contribuir com a proposta de estudar mais verticalmente a temática, retirando os filtros já muito corrompidos que jazem sobre ela. Para tanto, o *know-how* adquirido nos últimos 30 anos será imprescindível, sobretudo os avanços metodológicos proporcionados pelos estudos relacionados à história dos livros e das leituras, os que se referem à redefinição do entendimento da própria realidade na História e os que dizem respeito à exploração inovadora de fontes até então pouco e mal trabalhadas, tais como as iconográficas.¹

¹ Ver sobre História dos livros e da leitura: BELO, André. **História & Livro e Leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002; CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990; DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette – mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990; GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987; VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: NOVAIS, Fernando Antônio; SOUZA, Laura de Mello e. **História da vida privada no Brasil**. Cotidiano e vida privada na América

A partir do quadro metodológico-conceitual apresentado aqui, ainda que panoramicamente, torna-se possível, então, abordar a temática na perspectiva cultural, como venho propondo. São necessários, no entanto, proceder a alguns recortes para que o tema, tão amplo e complexo, possa caber nos limites de um artigo. Escolhi tomar como eixo uma perspectiva metodológica que venho desenvolvendo nos últimos tempos e que responde à minha crescente ansiedade por estudos que demonstrem as muitas proximidades entre os escravismos processados em várias regiões do planeta, muitas vezes em tempos bastante apartados, que, no geral, ainda continuam pouco conhecidas. Trata-se de trabalhar em torno de comparações e conexões históricas, às quais os suportes da História Cultural têm sido caros.² Essa perspectiva acaba evidenciando continuidades (com adaptações, obviamente) muito importantes entre, por exemplo, o escravismo antigo e o moderno, e acaba, ainda, apagando fronteiras entre as regiões escravistas americanas. Nesse último caso, desde, sobretudo, o século XIX, vem-se equivocadamente nacionalizando e singularizando práticas, experiências, formas de organização e de negociação e expressões culturais que se repetiam nas conquistas espanholas e no Brasil, além de permanecerem igualmente vivas na Europa e na África.

Mas, o que são exatamente essas comparações e essas conexões às quais me refiro? Por história comparada, não se tome modelo do tipo evolucionista, herança de Antropologia homônima, largamente praticado até a segunda metade do século XX, que acabava incorrendo em grandes generalizações, até mesmo inventando realidades históricas para se proceder a análises comparativas, considerando os acontecimentos e as práticas fora de seus contextos e, digamos, de suas historicidades. Não se trata, portanto, de comparações desse tipo, lastreadas em crenças civilizacionais e em rígidas

portuguesa. São Paulo: Cia. das Letras, 1997, p. 331-385. Sobre História Cultural e sobre iconografia ver: HUNT, Lynn. (Org.). **A Nova história Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992; MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens; uma história de amor e ódio**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001; PAIVA, Eduardo França. **História & Imagens**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006; PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003; BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

² Publiquei algumas reflexões sobre a adoção dessa perspectiva de análise histórica para se estudar os escravismos modernos em PAIVA, Eduardo França. *Histórias comparadas, histórias conectadas: escravidão e mestiçagem no mundo ibérico*. In: _____; IVO, Isnara Pereira. (Orgs.). **Escravidão, Mestiçagem e Histórias Comparadas**. São Paulo/Belo Horizonte: Annablume/PPGH-UFGM, 2008. p. 13-25. Tomei como base para essa discussão dois autores que vêm se dedicando ao tema nos últimos anos: SUBRAHMANYAM, Sanjay. *Connected Histories: Notes Towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia*. In: LIEBERMAN, V. (Org.). **Beyond Binary Histories**. Re-imagining Eurasia to c. 1830. Michigan: The University of Michigan Press, 1997. p. 289-315; e GRUZINSKI, Serge. *Les mondes mêlés de la monarchie catholique et autres "connected histories"*. **Annales Histoire, Sciences Sociales**, Paris, n. 1, p. 85-117, janvier/février 2001.

hierarquias sociais e culturais, estabelecendo modelos ideais a serem perseguidos pela humanidade, condicionando histórias e sociedades a trajetórias que deveriam ocorrer “naturalmente” a todas elas, ainda que mais tardiamente em algumas mais atrasadas. Isso permitiu a realização de grandes comparações a partir de situações ou de realidades pretensamente “universais”, nas quais os padrões europeus eram os modelares.³

Mas, o que são essas comparações aqui defendidas? Trata-se de operações que envolvem dois ou mais objetos de análise e que buscam observá-los em suas historicidades e em suas temporalidades. É importantíssimo, sublinhe-se, considerar as temporalidades das interpretações realizadas ao longo do tempo, as quais são construtoras permanentes das “verdades” dos acontecidos, dos personagens, enfim, da história. O cuidado de considerar todas essas dimensões permite que, **a priori**, tudo se torne passível de comparação, uma vez que não está se buscando tornar iguais os objetos em comparação (nem mesmo em uma projeção futura) e que se estabelece a possibilidade de comparação entre diferentes e entre diferenças. Comparar, portanto, deve servir também para indicar e abordar as distinções, assim como as similitudes entre sociedades, culturas e histórias. É essa a dimensão que se propõe aqui para a história da escravidão.

Já por conexões históricas, é importante sublinhar que elas se dão entre contextos, idéias e crenças, práticas, formas de organização religiosas e étnicas, conformando relações inter e intra grupos e culturas. É igualmente importante lembrar, que muito do que conhecemos e do que entendemos como referências do passado e heranças culturais, que são inclusive evocadas para dar sustentação a identidades e a memórias, não tiveram uma única e exclusiva origem. Ao contrário, “nasceram” ou foram “inventadas”, simultaneamente ou não, por diferentes povos, em diferentes tempos e espaços, às vezes com diferentes motivações e usos, outras vezes não. É necessário, portanto, nos curarmos do vício da origem exclusiva, marca tão importante de uma cultura ocidental e ocidentalizante, que parece ter triunfado historicamente, sobretudo a partir do século XV. A perspectiva de conexão entre histórias e a de uma

³ Cf. PAIVA, Eduardo França. Histórias comparadas, histórias conectadas: escravidão e mestiçagem no mundo ibérico. In: _____; IVO, Isnara Pereira. (Orgs.). **Escravidão, Mestiçagem e Histórias Comparadas**. São Paulo/Belo Horizonte: Annablume/PPGH-UFGM, 2008. p. 13-25.

História Conectada toma sentido ao inserir-se nesse universo. Fora dele, ela se confunde com a comparação simplória e fácil.⁴

Uma característica inicial dessas perspectivas metodológicas é o quase natural alargamento espacial das abordagens, o que, em grande medida, diferencia esses estudos dos monográficos e dos regionais, embora eles devam se dar suportes constantemente.⁵ Uma e outra dimensões, o **locus** e o **orbis**, se complementam, ao contrário de se contraporem. Ao fim e ao cabo, as relações escravistas desenvolvidas, por exemplo, nas regiões de mineração nas capitanias de Goiás e de Mato Grosso, durante o século XVIII, ou os escravismos desenvolvidos diferentemente no norte e no sul do Brasil, em períodos anteriores e mesmo posteriormente, todas essas variações de formas de submissão e de compulsão ao trabalho não se explicavam em si, exclusivamente, nem jamais estiveram desconectadas de práticas semelhantes existentes em outras regiões ou de perspectivas históricas comuns a outras realidades aparentemente apartadas no espaço e no tempo. Aliás, o alargamento temporal também ocorre fortemente. Continuidades em longa duração, por exemplo, entre a escravidão em Roma ou na Península Arábica e as práticas introduzidas nas regiões escravistas da época moderna são, cada vez mais, exploradas na historiografia e têm esclarecido muitas questões importantes, especialmente as relacionadas ao direito e às categorias jurídicas.⁶

Assim, a escravização de índios na América portuguesa, vinculava-se estreitamente às discussões de teólogos e de juristas europeus sobre o Direito Divino, o Direito Natural e o de Gentes. Esses códigos haviam convertido os reis católicos em proprietários de seres humanos e patrocinavam juridicamente a perspectiva da “guerra justa” contra hereges, antropófagos e idólatras, transformando piedosamente os sobreviventes em escravos, como recompensa por preservar-lhes a vida. Mas, esse

⁴ Ver sobre a temática: SUBRAHMANYAM, Sanjay. *Connected Histories: Notes Towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia*. In: LIEBERMAN, V. (Org.). **Beyond Binary Histories**. Re-imagining Eurasia to c. 1830. Michigan: The University of Michigan Press, 1997. p. 289-315; GRUZINSKI, Serge. *Les mondes mêlés de la monarchie catholique et autres “connected histories”*. **Annales Histoire, Sciences Sociales**, Paris, n. 1, p. 85-117, janvier/février 2001; PAIVA, Eduardo França. *Histórias comparadas, histórias conectadas: escravidão e mestiçagem no mundo ibérico*. In: _____; IVO, Isnara Pereira. (Orgs.). **Escravidão, Mestiçagem e Histórias Comparadas**. São Paulo/Belo Horizonte: Annablume/PPGH-UFMG, 2008. p. 13-25.

⁵ Cf. GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. In: _____. **História, região & globalização**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

⁶ Ver JOLY, Fábio Duarte. *A escravidão na Roma antiga: política, economia e cultura*. São Paulo: Alameda, 2005; MIHAILESCU-BÎRLIBA, Lucretiu. **Les affranchis privés en Dacie Romaine**. Paris: Mémoire de DEA apresentada à EHESS, 1997.

mesmo tipo de compulsão ao trabalho imposta aos nativos do Novo Mundo, ligava-se, ao mesmo tempo, a práticas largamente empregadas desde o mundo Romano e árabe (anterior e posteriormente ao Islã),⁷ até as existentes paralelamente na África subsaariana e às empregadas na África mediterrânea islâmica, onde se cativava e se escravizava cristãos brancos. Sempre houve uma verdadeira teia que enredava tudo isso e que impunha diálogos (por vezes indiretos e “mudos”) entre toda essa multifacetada e estendida realidade. Assim, condenar o Direito Natural ou de Gentes, a partir do qual se escravizava outros seres humanos, ainda que idólatras, hereges e antropófagos, debate acirrado entre teólogos católicos,⁸ refletia, ainda que obscuramente, o repúdio ao cativo e à escravidão de cristãos europeus no mundo muçulmano africano. De forma igualmente conectada, a escravização de índios no Brasil, prática reincidente até o século XVIII, contrapôs-se à proibição do mesmo tipo de expediente na América espanhola, tornando mais complexo ainda o universo colonial americano. Noutras vezes, inscreveu-se como extensão de formas idênticas, desenvolvidas em vastas áreas sem fronteiras reais, tais como a Amazônia e o Caribe, assim como a zona do Rio da

⁷ ENNAJI, Mohammed. **Le sujet et le mamelouk; esclavage, pouvoir et religion dans le monde arabe**. Paris: Éditions Mille et une nuits, 2007.

⁸ Tornou-se célebre o debate em torno da temática protagonizado pelo dominicano frei Bartolomé de las Casas, de um lado, e o filósofo e historiador espanhol Juan Ginés de Sepúlveda, de outro. Desde 1527, como bispo de Chiapas, na Nueva España, frei Bartolomé expressava seu enorme incômodo e desaprovação com relação à escravização dos índios na América. Nessa data ele escreveu **Historia de las Indias**. Um resumo dessa obra tornou-se, em 1542, a **Brevíssima relación de la destrucción de las Indias**, que foi publicado em 1552. Sepúlveda, por seu turno, respondeu-lhe escrevendo o **Democrates alter de justis belli causis apud Indios**, no qual defendia o direito do imperador espanhol, Felipe II, de promover a guerra justa contra os índios idólatras e antropófagos e de submetê-los à escravidão. O debate provoca a instalação da Junta de Valladolid, em 1550, que acaba por subsidiar as reflexões de las Casas. O também dominicano Domingos do Soto, em 1552, compilou as discussões no texto que ficou conhecido como **Sumario**. Entretanto, antes disso, Domingos do Soto proclamara a injustiça desse tipo de servidão/escravidão, argumentando que era contra a natureza. Isso aparece no capítulo intitulado **Si en Justicia el hombre puede ser señor del hombre**, em seu **De Dominio**. Ver SOTO, Domingo de. O. P. **Relecciones Y Opusculos I Introducción general De Dominio** – Sumario – Fragmento: An liceat... Salamanca: Editorial San Esteban, 1995, p. 147-149. Vários outros pensadores se dedicaram à temática nesse período. Entre outros, ver GARCIA, Iosephus Thomas Lopez. **Dos defensores de los esclavos negros en el siglo XVII**: Francisco Jose de Jaca OFM Cap. y Epifanio de Moirans OFM Cap. Caracas: Editorial Arte, 1982 e SANDOVAL, Alonso de. **Un tratado sobre la esclavitud**. Introducción, transcripción y traducción de Enriqueta Vila Vilar. Madrid: Alianza Editorial, 1987. [Naturaleza, policía sagrada i profana, costumbres i ritos, disciplina i catecismo evangélico de todos los etíopes, por el padre Alonso de Sandoval, natural de Toledo, de la Compañía de Jesús, rector del Colegio de Cartagena de la Índias.] SANDOVAL, Alonso. **De instauranda Aethiopia salute**. Sevilla: Francisco de Lyra, 1627. Ver documentos transcritos em CALVO, José María Chacón y. (Org.). **Colección de documentos inéditos para la historia de hispano-américa**. Tomo VI. Cedulaario Cubano (Los Orígenes de la Colonización) I (1493-1512). Por D. José Ma. Chacón y Calvo Académico electo de la Nacional de Artes y Letras, de La Habana, correspondiente de la Academia de la Historia de Cuba y de las Reales Academias Española y de la Historia. Madrid: Compañía Ibero-Americana de Publicaciones, S. A., 1929.

Prata.⁹ As alforrias e coações de escravos em Minas Gerais, por outro lado, foram práticas muito freqüentes e, ao mesmo tempo, tributárias de antiqüíssimas tradições que vinham do mundo romano e do mundo árabe, que se reconstruíram fortemente no mundo ibérico durante os vários séculos de ocupação islâmica e que, desde o fim do século XV, foram transpostas para o Novo Mundo, sendo largamente empregadas na Nova Espanha e no Peru durante os séculos XVI e XVII.¹⁰ Já os negros mandingas, escravos armados e organizados em milícias privadas, que davam suporte e proteção a poderosos dos sertões da Bahia e do São Francisco, desde o fim do século XVII, empregavam nessa vasta região do Brasil técnicas e crenças mágicas que há séculos dominavam e usavam em áreas da África subsaariana, chamada de “Terra dos Negros”, de “Guiné”, de “Sudão” e, por vezes, de “Etiópia”.¹¹ Compreende-se melhor a atuação

⁹ Ver CALVO, José Maria Chacón y. (Org.). **Colección de documentos inéditos para la historia de hispano-américa**. Tomo VI. Cedulaario Cubano (Los Orígenes de la Colonización) I (1493-1512). Por D. José Ma. Chacón y Calvo Académico electo de la Nacional de Artes y Letras, de La Habana, correspondiente de la Academia de la Historia de Cuba y de las Reales Academias Española y de la Historia. Madrid: Compañía Ibero-Americana de Publicaciones, S. A., 1929, p. 61 e seguintes e TELESCA, Ignacio. **Los esclavos de los Jesuitas del Paraguay**. Buenos Aires, 2009 (texto inédito, apresentado no Seminario Internacional de la Cátedra UNESCO de Turismo Cultural Untruf/Aamnbá “La Ruta del Esclavo en el Río de la Plata: aportes para el diálogo intercultural”).

¹⁰ BERNAND, Carmen. **Negros esclavos e libres em las ciudades hispanoamericanas**. Madrid: Fundación Histórica Tavera, 2001; BERNAND, Carmen y GRUZINSKI, Serge. **Historia del Nuevo Mundo. Los mestizajes, 1550-1640**. México: Fondo de Cultura Económica, 1999; PAIVA, Eduardo França. **Escravidão e universo cultural na Colônia; Minas Gerais, 1716-1789**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2001; PAIVA, Eduardo França. **Escravos e libertos nas Minas Gerais do século XVIII; estratégias de resistência através dos testamentos**. 3 ed. São Paulo: Annablume, 2009.

¹¹ Sobre os mandingas nos sertões do Brasil ver PAIVA, Eduardo França. Allah e o Novo Mundo: escravos e forros islamizados no universo colonial americano. In: _____; MARTINS, Ilton Cesar; IVO, Isnara Pereira. (Orgs.). **Escravidão e Mestiçagens: populações e identidades culturais**. São Paulo: Annablume, 2009 (no prelo) e PAIVA, Eduardo França. De corpo fechado: gênero masculino, milícias e trânsito de culturas entre a África dos Mandingas e as Minas Gerais da América, no início do século XVIII. In: LIBBY, Douglas Cole; FURTADO, Júnia Ferreira. (Orgs.) **Trabalho livre, trabalho escravo. Brasil e Europa, séculos XVIII e XIX**. São Paulo/Belo Horizonte: Annablume/PPGH-UFMG, 2006. Sobre as descrições da África subsaariana ver AFRICANO, Juan León. **Descripción general del África y de las cosas peregrinas que allí hay**. Granada: Fundación El Legado Andalusi, 2004. (texto de c. 1526); ALMADA, André Álvares d'. **Tratado breve dos rios de Guiné do Cabo-Verde feito pelo Capitão André Álvares d'Almada Ano de 1594**. Leitura, introdução, modernização do texto e notas António Luís Ferronha. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação, 1995; BAṬṬŪṬA, Ibn. **A través del Islam**. Madrid: Alianza Literaria, 2006. [viagem entre 1325 e 1354]; IDRĪSĪ. **La première géographie de l'occident**. Présentation, notes, index, chronologie et bibliographie par Henri Bresc et Annliese Nef. Traduction du chevalier Jaubert, revue par Annliese Nef. Paris: Flammarion, 1999; KHALDŪN, Ibn. **Discours sur l'Histoire universelle. Al-Muqaddima**. Arles: Actes Sud, 2007. (texto escrito em 1377 e primeiro exemplar oferecido ao príncipe de Tunis, em 1382); KHALDŪN, Ibn. **Le voyage d'Occident et d'Orient**. Arles: Actes Sud, 2006. (texto de 1381/1382); PERES, Damião. (Org.). **Os mais antigos roteiros da Guiné**. Lisboa: Academia Portuguesa da História/Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1992; SANTOS, Fr. João dos. **Etiópia Oriental e Vária História de Cousas Notáveis do Oriente**. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999. [publicado em 1609]; **VIAGEM De um piloto português do século XVI à costa de África e a**

desses escravos, os poderes mágicos a eles atribuídos e o medo generalizado que inspiravam entre a população colonial a partir da comparação que se deve fazer com suas funções tradicionais de defesa militar e de proteção mágica dos Mansa (governantes e poderosos na África negra islamizada) aos quais eles estiveram submetidos durante séculos. Outro exemplo: os numerosos mamelucos ou mamalucos, mestiços de brancos e índios, tão comuns nos primeiros séculos de ocupação colonial do Brasil, desde São Paulo até a região norte do Brasil, assumem precocemente essa designação, a partir do termo *mamlûk*, empregado havia séculos no mundo do Islã, para identificar os jovens não muçulmanos tornados escravos dos sultões, que, a partir daí, recebiam esmerada formação militar, sendo obrigados a se converterem à religião muçulmana quando atingiam certa idade, sendo, então, alforriados, passando a integrar as milícias de elite desses governantes.¹²

Ora, em alguma medida, tudo o que listei no parágrafo acima estava vinculado a um processo, digamos, de globalização da escravidão, especialmente da escravidão de negros africanos, embora não exclusivamente deles. Entretanto, eles formaram, sem dúvida, o maior contingente de escravos existentes no mundo entre os séculos XV e XIX. O tráfico atlântico de escravos africanos [posterior a outros tráficos importantes, tais como os do Índico e os internos do continente africano, fornecedores do mundo

São Tomé. Introdução, tradução e notas por Arlindo Manuel Caldeira. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2000. (texto escrito, provavelmente, entre 1540 e 1541, publicado pela primeira vez em RAMUSIO, Giovan Battista. **Delle navigazioni et viaggi**, compilação de textos, cujo primeiro volume é publicado em 1550, em Veneza, pelos impressores Giunti. – RAMUSIO, Giovan Battista. **Delle navigazioni et viaggi**. Venezia: Tommaso Giunti lettori, 1550); **VIAGENS De Luís de Cadamosto e de Pedro de Sintra**. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1988. [1507]; **VOYAGE à mozambique & Goa; La relation de Jean Mocquet (1607-1610)**. Paris: Éditions Chandeigne, 1996.

¹² Ver DENOIX, Sylvie. La servilité, une condition nécessaire pour devenir prince : les mamlûks (Égypte, Syrie, 1250-1517). In: BERNAND, Carmen; STELLA, Alessandro. (Org.) **D'Esclaves à soldats. Miliciens et soldats d'origine servile XIIIe-XXIe siècles**. Paris: L'Harmattan, 2006; FERNANDES, João Azevedo. **De Cunhã a Mameluca: a mulher Tupinambá e o nascimento do Brasil**. João Pessoa: Editora Universitária - UFPB, 2003; MEDICI, Ana Maria. Esclavage, armée et réformes à tunis : vie d'un des derniers mamelouks à la cour du Bey (XIXe siècle). In: BERNAND, Carmen; STELLA, Alessandro. (Org.) **D'Esclaves à soldats. Miliciens et soldats d'origine servile XIIIe-XXIe siècles**. Paris: L'Harmattan, 2006; PAIVA, Eduardo França; CERCEAU NETTO, Rangel. **Uma mamaluca poderosa entre Itú e Pitanguí, no início do século XVIII**. Belo Horizonte, 2009. (Não publicado).

Ver ainda AKBARNIA, Landan. La ruta de los viajeros Egipto y Siria Los mamelucos. In: AKBARNIA, Landan; CANBY, Sheila; BARRY, Michael; NANJI, Azim; VALDÉS, Fernando. **Los mundos del Islam en la colección del Museo Aga Khan**. Barcelona: Fundación “la Caixa”, 2009, p. 125 -135. O autor escreve: “[...] Resulta irónico que el ocaso final de los ayyubíes corriera a manos de uno de los miembros de su casta militar de esclavos de élite, un mameluco (palabra que en árabe significa ‘esclavo’) llamado Baybars”. (Ibid., p. 125.)

oriental, do islâmico mediterrâneo – africano e ibérico – e, também, dos vários “reinos” da “Terra dos Negros”], ao ser instalado no século XVI, integrou forte e definitivamente as Américas a esse comércio mundial. Mais do que isso, ajudou a transformar o Novo Mundo no maior consumidor desses escravos, além de, ao mesmo tempo, contribuir fortemente para que esse continente se transformasse em um enorme laboratório de mesclas biológicas e culturais, cujos resultados impactaram profundamente todo o planeta. O maior deslocamento humano conhecido até hoje transportou mais de 12.000.000 de homens e mulheres pretos, como se dizia, de um continente para outro, em pouco mais de 300 anos. É por motivos como os rapidamente apresentados aqui que uma história comparada da escravidão, especialmente vinculada aos pressupostos conceituais e metodológicos da História Cultural, me parece tão pertinente e tão urgente.

COMPARAÇÕES E CONEXÕES – UM UNIVERSO ANTIGO NO NOVO MUNDO

Maria Amadeu (“Mariamadeu”, como lhe chamávamos), era uma negra esguia, magra, calada, usava um pano branco na cabeça, que cobria seus cabelos crespos, já meio embranquecidos, pois se podia ver esses fios claros nas laterais descobertas. Vinha a pé, descalça, de uma casa que ficava distante, onde morava em um quartinho, de favor, para lavar a montanha de roupas sujas que, semanalmente, juntavam-se na fazenda de meu avô. Era sempre o mesmo ritual: bem cedo chegava, fazia uma trouxa grande com as roupas sujas, carregava-a até o córrego próximo e passava boa parte do dia batendo a roupa branca em uma pedra e usando barretes de anil para deixá-las sempre brancas.¹³ Nunca mais vi roupas de cama tão brancas e bem passadas... Era o mesmo branco dos grandes dentes de “Mariamadeu”: destacavam-se em seu rosto negro, de sorriso largo, sempre expresso quando meu pai passava por ela e lhe oferecia um cigarro de papel ou, o que ela mais apreciava, um pedaço de fumo de rolo, isto é, tabaco enrolado e preparado para ser cortado em pedaços miúdos, enrolados em palha e fumados. Mas “Mariamadeu” usava-o de outra forma: ela o mascava durante horas.

¹³ Uma descrição dessa atividade, presenciada na região de Sete Lagoas, Minas Gerais (muito próxima da área onde viveu e trabalhou “Mariamadeu”), no início do século XX, cheia de detalhes interessantes e imbuída de preconceitos, encontra-se no texto escrito pelo padre GLÉNISSON, Édouard-Gustave. **Cinq mois au Brésil; souvenirs & impressions de voyage 1 mai – 22 septembre 1904**. Louvain: Imprimerie a Vapeur Pierre SMEESTERS, 1911.

Diziam-me, pois estranhava aquele hábito, que era assim que tinha os dentes tão fortes, saudáveis e brancos.

Já um tio de meu pai, o Tio Tulino (Bertolino, nome herdado de meu bisavô), por sua vez, cheirava rapé. Era o pó feito a partir do tabaco, inalado algumas vezes ao dia, geralmente durante momentos de desconsolo, o que provocava espirros imediatos e em série. Ele o trazia em uma caixinha, mas o mais comum era conservá-lo em uma boceta, como a do pai de minha avó, outro de meus bisavôs. Essa era redonda, feita de borracha. Para abri-la destorcía-se-lhe a boca e, tirado o rapé, soltava-se a mesma boca, que, então, retomava seu formato original, retorcida.

Esses personagens, com os quais convivi durante anos, mantinham hábitos que já quase não existem, mas que durante séculos foram cultivados por homens e mulheres de diferentes “qualidades” (branco, preto, negro, crioulo, índio, mulato, pardo, cabra, mameluco, etc...) e “condições” (livre, forro, escravo), para usar aqui expressões empregadas até o século XIX na documentação. Mais que práticas tradicionais, que aproximavam gente socialmente muito diferente, eram elas, entre tantas outras, que conectavam realidades históricas igualmente distintas, aparentemente apartadas no tempo e no espaço. Costumes como os descritos aqui não tinham origem exclusiva, sendo, antes, invenções de diversos agentes, ocorridas em diversos lugares, em paralelo ou não, e que circularam rapidamente entre as “quatro partes do mundo”, desde, principalmente, a conquista das Américas pelos ibéricos.

Muito precocemente, o tabaco americano ganhou a Europa e a costa atlântica africana, difundindo-se largamente entre homens e mulheres das camadas mais ricas e entre os pobres também. Os longos cachimbos foram usados por mulheres da Holanda e pela gente da Costa da Mina e de Luanda, assim como no Brasil e na América espanhola. O tabaco preparado com melado de cana-de-açúcar foi consumido largamente na costa africana e tornou-se importante item no tráfico atlântico de escravos já no século XVII,¹⁴ o que, obviamente, foi reproduzido pelos escravizados negros que chegaram ao Novo Mundo. Isso servia, inclusive, como instrumento de adaptação em terras desconhecidas e conectava culturas separadas por um oceano.

Para efeito de comparações, enfoquemos agora o mundo pratense colonial. Na Buenos Aires do século XVIII,

¹⁴ Cf. ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes; formação do Brasil no Atlântico Sul séculos XVI e XVII**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

el uso del tabaco se extiende a las mujeres. Mientras que las señoras lo mascan en sus casas, las castas no se moderan. Pero las mujeres de color, que mantienen el cigarro encendido dentro de la boca para que no se les apague, enseñan esta costumbre a las señoras ‘desde que son pequeñas y no es dudable que la contraen de las amas de leche que las crían, y son las mismas negras esclavas’. El tabaco molido se absorbe por la nariz y, si bien esta práctica es un vicio porque provoca hábito, los amos no lo ven con desagrado.¹⁵

Esses antigos costumes tabagistas, como se vê, continuavam sendo praticados, ainda que alterados, séculos mais tarde, no cotidiano de minha família, no interior de Minas Gerais.

O uso do tabaco, fumado, aspirado ou mascado, aproximava proprietários e escravos no Rio da Prata, assim como ocorreu com frequência e intensamente nas Minas Gerais, como de resto na urbe escravista no Novo Mundo. Não apenas o tabaco contribuiu para essas proximidades cotidianas, mas inúmeros outros costumes, práticas e usos assumiram funções semelhantes. As festas, as danças e os ritmos marcados por tambores, por exemplo, foram comuns em ambas as regiões. É o caso, por exemplo, do candombe, que, no passado e hoje, guarda semelhanças notáveis.¹⁶ Por vezes, as acusações e as descrições desqualificadoras dessas manifestações registradas na documentação antiga, feitas, principalmente, por autoridades que desconfiavam delas e dos agentes que as produziam, deixaram informações preciosas sobre como essas danças e esses ritmos marcaram aquelas sociedades escravistas.

Em 1795, os “morenos” de nação conga de Buenos Aires solicitaram autorização para celebrarem a entrada do vice-rei com as danças que tradicionalmente praticavam. Para convencerem as autoridades de sua boa intenção prometiam

[...] salir a baylar según la usanza de las naciones por las calles desta ciudad procurando sean éstos con aquella honestidad, sosiego y buena

¹⁵ BERNAND, Carmen. **Negros esclavos e libres em las ciudades hispanoamericanas**. Madrid: Fundación Histórica Tavera, 2001, p. 92-93. Os usos e as incontáveis virtudes do tabaco (para nós, hoje, inacreditáveis!) estão detalhadamente descritas, entre outros textos, em “Tratado de los usos, abusos, propiedades y virtudes del tabaco, café, te y chocolate. extractado de los mejores autores que han tratado de esta materia, á fin de que su uso no perjudique á la salud, antes bien pueda servir de alivio y curacion de muchos males”. Por el Lic. Don Antonio Lavedan, cirujano de Ejército, y de la Real Familia de S. M. C. Con licencia. Madrid, en la Imprenta Real, año de 1796.

¹⁶ Entre o Prata e as Minas Gerais, o Rio Grande do Sul parece ter servido, muitas vezes, de verdadeira ponte. Sobre os candombes, por exemplo, vale notar que Sandra Pesavento os identificou em Porto Alegre, em documentos relativos ao início do século XX. Ver PESAVENTO, Sandra Jatahy. Feitiço negro em cidade branca: morte em família. In: _____. **Os sete pecados da capital**. São Paulo: Hucitec, 2008. p. 365-423.

armonía en los danzantes, para de este modo divertir y alegrar a las gentes de ese vecindario [...].¹⁷

A promessa feita revelava algo mais, isto é, tanto as desordens certamente produzidas em outras ocasiões em que se apresentaram publicamente, quanto o imaginário das autoridades sobre essas práticas culturais dos “morenos” congos, assim como sobre outras expressões culturais de negros e mestiços na Buenos Aires setecentista.

Comparemos o episódio buenairense com um ocorrido longe Dalí, alguns anos antes. Em 1772, no termo da Cidade de Mariana, sede do bispado da capitania de Minas Gerais, o reverendo Leonardo de Azevedo Castro, vigário colado da freguesia de São Sebastião, documentou toda a sua indignação com relação ao costume de se eleger reis e rainhas negros, em confrarias ligadas às paróquias, o que, de resto, ocorria também na região do Prata e em toda a América escravista. O vigário julgava absurdas as eleições da Irmandade do Rosário dos Pretos e

[...] abuzivos tituloz de Rei, e Rainha; assim por ver quam indecente, abominavel e incompativel eram pessoas semelhantes Revestiremse das insignias da Magestade Coroa, e septro, horrorizandose de abuzarem apublicidade de hua igreja das seremônias, coroaçoens, que sendo unicamente destinadas para as coroaçoens dos soberanos [...].¹⁸

E, não satisfeito, ainda bradava que a

[...] devoção e culto de Honra Santissima não depende de Reinados de negros nem se esfria com a falta delles, antes o seo aumento por se manifesta porque aplicada ao culto divino a decima parte do que elles gastão em bebedices, comeres, batuques, tambores, tabaques, póitaz danças estas, e instrumentos que mais paresem do inferno que para louvar a Deos era muito bastante para vermos ao Senhor louvado e sua May Santíssima e não nos asustarmos das brigas e actos profanos em que se resolvem as suas Reais festas.¹⁹

As opiniões, tanto as ocultas, quanto as explicitadas, sobre as culturas afro-americanas e mestiças, que aparecem aqui em breves extratos, lastreavam-se em vivências, em imaginários, em discursos e representações semelhantes, que envolviam, na verdade, Américas, Península Ibérica e regiões africanas. Ao longo dos quase 400 anos de escravidão colonial e de tráfico atlântico, grandes porções de todo esse universo

¹⁷ BERNAND, Carmen. **Negros esclavos e libres em las ciudades hispanoamericanas**. Madrid: Fundación Histórica Tavera, 2001, p. 81-82.

¹⁸ Arquivo Público Mineiro – Seção Colonial/ Documentos Encadernados, Códice 186, f. 129-134v (12/01/1772) – rolo 40, gaveta G3.

¹⁹ Ibid.

circulou em todas essas direções e junto com o maior deslocamento humano direcionado para um das “partes” do mundo, como já salientei. Os pequenos trechos transcritos acima se encontram lastreados nesse complexo e dinâmico universo que se forjou entre o fim do século XV e o início do século XIX, tendo as Américas como eixo central. Há aí ligações íntimas com os ambientes devocionais e com as resignificações religiosas ocorridas; com as dinâmicas e as formas de mestiçagens biológicas e culturais; com as apropriações e as adaptações culturais processadas em larga escala e em todas as direções; com o comércio em âmbito local, nas ruas das cidades e vilas coloniais e, ao mesmo tempo, em extensão globalizada. Em ambas as dimensões – local e global –, que, ressalte-se, estiveram intimamente ligadas, o comércio foi algo muito mais amplo que operações financeiras. Esse comércio envolveu o trânsito de culturas, objetos, fauna, flora, formas de viver e maneiras de pensar. Foi atividade vital no processo de integração de um Novo Mundo, constituindo um novo *Theatrum Orbis Terrarum*, em toda a extensão que isso teve (e que segue pouco conhecida), impactando profundamente os padrões sociais americanos, fortemente mesclados, fazendo como que esses mesmos padrões exercessem forte influência em boa parte do planeta. Tudo está intimamente conectado a partir daí.²⁰ A presença de africanos de várias regiões e de seus descendentes no Novo Mundo e as mesclas biológicas e culturais desenvolvidas com outras populações instaladas aí não se restringiram a produzir mestiços (vocábulo provavelmente surgido nas Américas) biológicos e mestiçagens (categoria surgida, provavelmente, no século XIX) culturais, se a entendemos apenas como expressões artísticas ou como indumentária, gastronomia, lingüística, religiosidades e conhecimentos técnicos, o que, sublinhe-se, já não seria pouca coisa. Essas mesclas, que não excluíram superposições, contraposições, coexistências, antagonismos e, mesmo, impermeabilidades, ainda que na dimensão dos discursos e do imaginário, foram ainda mais complexas. Elas produziram sociedades que se organizaram adaptando-se às dinâmicas e à complexidade culturais comuns às áreas escravistas americanas, o que significou formas de organização familiar, civil, eclesiástica e militar específicas, bem como normas de conduta e de vida social muito singulares. Isso significou, por exemplo, direitos a privilégios e a mercês originalmente restritos a alguns estamentos

²⁰ A obra de Serge Gruzinski é referencial para se pensar nestes termos. Ver, preferencialmente, GRUZINSKI, Serge. **Les quatre parties du monde; hitoire d'une mondialisation**. Paris: Éditions de La Martinière, 2004; GRUZINSKI, Serge. **Quelle heure est-il là-bas ? - Amérique et islam à l'orée des Temps modernes**. Paris: Seuil, 2008.

apenas e que foram estendidos freqüentemente a filhos bastardos mestiços. Significou, ainda, ascensão econômica e social de dezenas de milhares de mestiços e, também, de crioulos (no sentido dado ao termo no Brasil). Até mesmo alguns “pretos” experimentaram essa ascensão. O ingresso em ordens religiosas, o ordenamento e a prática eclesiais, interditados aos que portavam “sangue infecto”, foi regra incontáveis vezes negligenciada e houve ingressos de não-brancos até mesmo em colégios, universidades e seminários.

Na economia, mulheres escravas e forras, principalmente, perambulavam pelas ruas da urbe colonial escravista, dominando o pequeno comércio e agregando à atividade a construção de redes de contatos e de informações, que não excluíram homens brancos ricos e pobres. Tudo isso contribuiu imensamente para que uma grande quantidade de forros, grupo de perfil marcadamente feminino e matriarcal, formasse camadas médias urbanas, que, por sua vez, fomentava o comércio regional e o internacional. Basta lembrar que esses homens e mulheres passaram, muito precocemente, a comprar escravos africanos e americanos, bem com objetos de toda sorte, produzidos internamente e, também, em várias partes do mundo, incluindo aí porcelanas e sedas chinesas, tecidos europeus de variados tipos e africanos também, pérolas, corais, prata e ouro.

Alguns pretos e crioulos e muitos pardos e mulatos lideraram milícias e a cor de pele mais clareada possibilitou alguns se tornarem “homens bons”, participarem de órgãos administrativos e, nos dois casos, ascenderem econômica e socialmente. Parcela substantiva desse quadro social deveu-se às dinâmicas de mestiçagem biológica e cultural desenvolvidas nas áreas coloniais. Não por outro motivo, ditados populares, comuns na América espanhola e também na região do Prata, atestavam toda esse universo fascinante, móbil e mesclado, tais como o que decreta no Peru que “El que no tiene de Inga tiene de Mandinga”, repetido em Buenos Aires: “o es de ynga o es de mandinga”.²¹ Já nas Minas Gerais, desde os primeiros anos do século XVIII e talvez mesmo antes disso, quando nem mesmo havia a Capitania, os pretos mandingas, poderosos, perigosos e “feiticeiros”, formaram milícias armadas e a mando de Manuel

²¹ Ver esse ditado em QUEIJA, Berta Ares. Mestizos, mulatos y zambaigos (Virreinato Del Perú, siglo XVI). In: QUEIJA, Berta Ares; STELLA, Alessandro. (Orgs.) **Negros, mulatos, zambaigos – Derroteros africanos en los mundos ibéricos**. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos/CSIC, 2000, p. 75; BERNAND, Carmen. **Negros esclavos e libres em las ciudades hispanoamericanas**. Madrid: Fundación Histórica Tavera, 2001, p. 81.

Nunes Viana, um português que se enriquecera nos sertões do Brasil, instalavam o terror entre os moradores do vale do Rio São Francisco, expulsando-os à força de ameaças sobrenaturais e de armas. Assim como nas regiões onde habitavam na África, os mandingas “fechavam” o corpo de seu proprietário nas Minas Gerais e sustentavam seu poder e sua fortuna.²² Deve ter sido tal o temor sentido pelas populações na África e as Américas em relação aos pretensos poderes sobrenaturais desses “feiticeiros” mandingas que o termo passou a ser empregado genericamente como sinônimo de malefícios em várias partes. A religiosidade popular em países como Brasil e Cuba incorporou essa noção, assim como o fizera as populações de ambos os lugares em seu cotidiano. Isso o atesta, também, o rico cancionero produzido aí até hoje, como se pode atestar com Vinícius de Moraes e Baden Powell em **Canto de Ossanha** – “Coitado do homem que cai no canto de Ossanha Traidor! Coitado do homem que vai Atrás de mandinga de amor[...]”. Ou ouvindo Compay, segundo (entre outros) cantar “Mandinga/La negra Tomasa - Estoy tan enamorado de la negra Tomasa que cuando se va de casa triste me pongo ... kikiribu mandinga... kikiribu mandinga [...]”.

Experiências como as dos mandingas em Minas foram compartilhadas, pelo menos em sua característica de autonomia e de mobilidade, por várias outras populações africanas e mestiças na América ibérica. Toda a “fama” adquirida por essas populações fomentou ainda mais o imaginário negativo a elas aplicado durante todo o período colonial e mesmo posteriormente. Isso provocou, inclusive, a composição de novo vocabulário em toda a região. Desde o século XVIII, por exemplo, os “vagamundos y holgazantes” foram perseguidos na região do Prata e muitos foram presos.²³ Na mesma

²² PAIVA, Eduardo França. Allah e o Novo Mundo: escravos e forros islamizados no universo colonial americano. In: _____; MARTINS, Ilton Cesar; IVO, Isnara Pereira. (Orgs.). **Escravidão e Mestiçagens: populações e identidades culturais**. São Paulo: Annablume, 2009 (no prelo) e PAIVA, Eduardo França. De corpo fechado: gênero masculino, milícias e trânsito de culturas entre a África dos Mandingas e as Minas Gerais da América, no início do século XVIII. In: LIBBY, Douglas Cole; FURTADO, Júnia Ferreira. (Orgs.). **Trabalho livre, trabalho escravo. Brasil e Europa, séculos XVIII e XIX**. São Paulo/Belo Horizonte: Annablume/PPGH-UFGM, 2006.

²³ BERNAND, Carmen. **Negros esclavos e libres em las ciudades hispanoamericanas**. Madrid: Fundación Histórica Tavera, 2001, p. 101. Já no início do século XVI empregava-se o termo à população na América espanhola, como no trecho de uma “ynstruccion que se embio al almirante e gobernador” escrita em Valladolid, em 3 de maio de 1509, na qual o rei de Espanha, D. Fernando II de Aragão, instruía o governador cubano: “Yten por quanto a cabsa de andar los indios vagamundos y no querer trabajar pagandolos lo que justamente aviam de aver e se dio vna carta por la Reyna doña Yzabel mi mujer de gloriosa memoria con acuerdo de los del consejo de Medina del Campo [...]” Ver CALVO, José María Chacón y. (Org.). **Colección de documentos inéditos para la historia de hispano-américa**. Tomo VI. Cedulaario Cubano (Los Orígenes de la Colonización) I (1493-1512), p. 145.

época e daí para frente a perseguição tomou conta dos mesmos personagens nas Minas Gerais e no Brasil, que acabaram por ser designados em português (menos poeticamente que em espanhol, é bem verdade!) de vagabundos.

COMPARANDO IMAGENS

A iconografia tornou-se nas últimas décadas uma fonte preciosa para a História Cultural e para a História Comparada. Seu potencial informativo é enorme e torna-se ainda maior quando as imagens são complementadas com dados provenientes de outras fontes e quando tudo isso é lido com apurado aparato metodológico-conceitual. Enfim, como qualquer outro tipo de fonte histórica, as imagens são expressões temporais, são resultados de construções que estão longe de terem sido imparciais (caso isso existisse), que carregam em si visões e valores de tempos passados, que se alteram a cada nova leitura, e que jamais dêem ser tomadas como um “retrato” de uma pretensa realidade tal qual ela teria sido. As imagens não diferem, nesse aspecto, de qualquer outro tipo de fonte. Sua leitura, assim como a das demais fontes, será mais competente quanto melhor integrar-se com outras fontes e opera-se a partir de categorias conceituais bem ajustadas e aplicadas em consonância com a historicidade dos acontecimentos. Nessa perspectiva, a introdução da iconografia no horizonte historiográfico das últimas décadas repercutiu muito positivamente, especialmente, insisto, nos campos das Culturas e das Comparações.

Registros visuais de diferentes épocas podem apontar continuidades importantes para explicar comportamentos, formas de organização social e de distinção entre grupos e culturas, por exemplo. Isso, mais especificamente pensado para o campo de estudos sobre escravidão e mestiçagens, como proponho neste texto, é fundamental para as inovações que se têm processado nos últimos tempos. Costumes compartilhados; mobilidade física e cultural; formas de integração e de organização sociais; dinâmicas de diálogos e de convivências; práticas de sociabilidade; coexistências; conflitos e indisposições; ritmos do viver e do celebrar; formas de apropriação do universo comum; tipos de identidades e hierarquias construídas entre grupos, entre tantos outros aspectos, ficaram expressos nessas fontes. A partir daí, foi possível relativizar poderes e relações entre proprietários e escravos, combatendo simplificações perniciosas que desumanizavam fortemente esses homens e mulheres submetidos, assim como super

dimensionavam o papel dos “senhores”, inclusive transformando-os em um grupo inalterável composto de homens brancos e cruéis. Os escravos, imaginados quase sempre como “pretos”, eram, por seu turno, não apenas vitimizados e coisificados, mas continuavam sendo tomados como seres incapazes de pensar, planejar, propor, alterar, gerenciar, inventar. Mulheres escravas seguiam ignoradas praticamente. Além disso, o escravismo continuava sendo tomado como negócio de brancos, regime ilegal e ilegítimo, desconhecendo-se e/ou negligenciando-se o enorme número de proprietários não-brancos que existiu em várias regiões americanas, bem como a legalidade e a legitimidade do regime até meados do século XIX, pelo menos. Escravos e a enorme população de ex-escravos e de seus descendentes diretos nascidos livres também legitimaram o regime escravista, uma vez que tornar-se proprietário de escravos foi alvo primeiro em suas vidas, desde, inclusive, o período de cativo. Muitos lograram alcançar o objetivo, até mesmo antes de se libertarem, saliente-se.

O fato é que as fontes iconográficas esclareceram muito sobre todos esses aspectos listados acima, polêmicos até hoje. Quando não o faziam diretamente, explicitando detalhes, instrumentos, cores, acontecimentos, comportamentos, técnicas, etc..., o faziam indiretamente, subsidiando novas leituras lastreadas em dados retirados de outras fontes, tornando-os mais legíveis, dotando-os de maior importância. As três primeiras imagens que seguem reproduzidas exemplificam bem o argumento que acabei de apresentar. As duas primeiras – Lisboa no século XVI e Sevilla no século XVIII – são ricos testemunhos da semelhança entre costumes, ritmos e práticas vinculados à escravidão africana e à presença de africanos na Península Ibérica e os que existiram nas áreas escravistas americanas. A terceira imagem reproduzida – Rio de Janeiro no século XIX, então a maior cidade escravista do mundo – traz vários desses aspectos, que, por sua vez, podem ser mais bem compreendidos a partir das comparações e conexões possíveis com outras realidades históricas e via outras imagens. As três imagens apresentam, por exemplo, uma dessas condições fundamentais dos escravismos na época moderna e que se fizeram fortemente presentes em ambos os continentes: o uso intensivo do espaço urbano público – adros, praças, chafarizes, ruas –, indissociável ao desenvolvimento das formas de sociabilidade entre os distintos grupos que o freqüentavam, bem como ao fomento das mestiçagens biológicas e culturais que marcaram profundamente as três regiões. Nesses espaços, que se conformaram nas numerosas cidades, vilas e arraiais americanos e ibéricos, projetaram-se o intenso

trânsito de gentes e de culturas, constituíram-se novas e renovadas formas de pensar e maneiras de viver, surgidas desses verdadeiro crisóis culturais. Muito do que somos hoje, do que comemos, do que acreditamos, do que valoramos, enfim, muito do que nos caracteriza hoje, com toda a diversidade e polifonia que portamos, iniciou-se nesses espaços, por iniciativa da multidão de homens e mulheres que aí conviveram. Uma variedade de línguas, crenças, saberes e sentimentos fomentou, ainda que sob conflitos e controvérsias, formas de sociabilidade e redes de contatos entre a multidão plural. Embora nem sempre se possa identificá-los com clareza, há de se perguntar, entretanto, quantos islamizados, quantos ciganos, quantos maçons, quantos judeus, quantos cristãos novos e velhos, quantos protestantes, quantos mestiços, quantos forasteiros, quantos “feiticeiros” estão compondo essas imagens e estiveram presentes nas realidades retratadas? Uma enorme gama de detalhes imagéticos nos ajudam a, pelo menos, plantar essas indagações e, a partir daí, mover nossos olhares no sentido de captarmos a diversidade constituinte dessas sociedades escravistas modernas, o que descrições por escrito, por vezes encontradas na documentação, dificilmente poderia provocar.



Mestre desconhecido, Países Baixos. Chafariz d’El Rey no séc. XVI (Lisboa c. 1570-80).
Lisboa, Coleção Particular



Domingo MARTÍNEZ (Sevilla 1688-Madrid 1749). Carro del Aire (c. 1748) - Museu de Belas Artes, Sevilha. Detalhe: negros, mulatos e índios no cortejo festivo nas ruas de Sevilha, século XVIII.



Johann Moritz Rugendas (Augsburg, 1802- [Weilheim](http://www.weilheim.de), 1858) – Rua Direita – Rio de Janeiro (c. 1827-35)
– Museu Castro Maya/IPHAN, Rio e Janeiro

Passemos do espaço público para o privado e comparemos as duas imagens reproduzidas, que trazem semelhanças impressionantes. Embora as realidades retratadas sejam muito distintas, uma cena doméstica na República da Colômbia e outra no Império do Brasil, os modos de vida nas casas das elites locais parecem guardar similitudes ainda pouco conhecidas e exploradas por nós. A cena colombiana foi retratada por François Désiré Roulin, um francês que entre 1821 e 1828 esteve na América do Sul, fixando-se na recém-constituída República da Colômbia, onde integrou expedições científicas como médico, naturalista e ilustrador. **O Jantar** de Désiré Roulin revela o interior de uma casa escravista bastante mobiliada, uma mesa com toalha curta, podendo-se, assim, ver as pernas dos personagens que estão à mesa e reparar os sapatos, as meias e, também, as pernas mais curtas das mulheres, que apóiam os pés nas réguas das cadeiras. A comida é farta. A indumentária da família é correta, mais austera entre as mulheres que entre os homens. As roupas usadas pelos escravos são simples. Um cachorrinho completa a cena, recebendo do dono da casa, posicionado na cabeceira direita, alguma comida.

A cena brasileira foi retratada por Jean-Baptiste Debret, também francês, que esteve no Brasil entre 1816 e 1831, onde integrou o grupo de franceses chegados ao Rio de Janeiro, onde se encontrava estabelecida a corte portuguesa, que ficou conhecido como a Missão Artística Francesa. A cena foi realizada depois do retorno de Debret à Europa, ao contrário da aquarela colombiana. **O Jantar** de Debret guarda semelhanças impressionantes com o de Désiré Roulin, sugerindo, inclusive, alguma cópia, o que era bastante comum. A montagem da cena, a mesa ao centro, com toalha de laterais curtas, o proprietário posto na cabeceira direita e a esposa dele na cabeceira à esquerda, comida farta e escravos que servem e que espantam moscas e mosquitos com instrumentos apropriados – no caso colombiano, trata-se de mecanismo mais elaborado. A família brasileira é reduzida ao casal, a casa é pobremente mobiliada e decorada, o senhor parece usar roupas muito soltas, talvez trajes domésticos, enquanto a esposa se veste com ostentação, assim como os escravos que aparecem ao redor, sobretudo a escrava, que usa veste branca e usa correntes de ouro, brincos e tiara. No lugar do cachorrinho colombiano, Debret inseriu dois escravinhos, nus, que recebem a atenção da senhora, a qual lhes dá alguma comida.

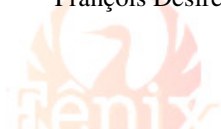
Além da possibilidade de Debret ter copiado a aquarela de Désiré Roulin, deve-se considerar a possível existência de modelos acadêmicos pré-existentes,

aplicados a esse tipo de cena, fatos que explicariam tanta semelhança, não obstante todas as diferenças apontadas. Entretanto, eles dificilmente retratariam realidades completamente inventadas e distantes do que se via e se vivia nesses países. Um e outro artistas desenhavam (ou pretendiam desenhar) as realidades vistas, tanto a flora e a fauna exuberantes, quando as sociedades complexas e, ao olhar europeu, quase sempre exóticas e caricaturais. Os dois franceses estavam na América do Sul vinculados oficialmente aos governos locais e no caso brasileiro, de início, à coroa portuguesa instalada no Rio de Janeiro e depois da independência ocorrida em 1822 ao imperador do Brasil.

As semelhanças entre as cenas de jantares, entretanto, vão além e atestam movimentos político-culturais que não aparecem nas aquarelas, nem tampouco em legendas. Trata-se do desejo de civilização dessas jovens nações americanas, o que explica, ainda que parcialmente, a presença de artistas e intelectuais europeus, especialmente os franceses, nesses países, na primeira metade do século XIX. A derrota de Napoleão Bonaparte acabou fomentando a saída dos franceses em direção a outras plagas e a América foi destino de muitos deles. Afinal, era um continente que se tornava autônomo e um grande movimento de independências nacionais havia se iniciado. As antigas colônias espanholas se transformavam em repúblicas e o Brasil hospedava os reis e a corte portuguesa desde 1808, fato inédito, pois a colônia americana transformara-se em sede da casa monárquica européia. Não obstante o absolutismo napoleônico e sua derrota, as jovens nações, incluindo o Brasil (elevado à categoria de Reino em 1815), buscavam civilizar-se, o que significava organizarem-se como extensões européias, ainda que politicamente independentes. Para tanto, o *savoir-faire* francês era o ideal. Civilização era quase que sinônimo de afrancesamento dos modos, da cultura e das instituições. A presença dos cientistas, intelectuais e artistas franceses em todo o continente explicava-se fortemente pelo desejo de civilização dessas sociedades americanas, que, ao conhecerem-se a si próprias por meios das expedições e dos retratos daí resultados, buscavam planejar o futuro mais acerdado à *civilisation*. As imagens, novamente, aparecem como fontes que explícita e implicitamente oferecem subsídios imprescindíveis ao trabalho do historiador, sobretudo o do historiador da cultura, como bem ensinou Sandra Pesavento.



François Désiré Roulin (Rennes, 1796 -Paris, 1874) – **Le dîner, à Ste. Marthe (c. 1823)**



www.revistafenix.pro.br



Jean-Baptiste Debret (Paris, 1768-Paris, 1848) – **O Jantar (c. 1834-1839)**

PARA FINALIZAR ESSE TEXTO

Os estudos sobre a escravidão em perspectiva comparada e conectada revelam proximidades que são pouco conhecidas pelos historiadores hoje, mas que, talvez, tenham sido óbvias para as populações de antanho. Diante dessa constatação, é necessário se indagar então sobre os motivos que levaram a um distanciamento tão grande, aparentemente “natural” e imemorial, entre as regiões escravistas modernas. Os regimes de governo adotados pelos novos países americanos no século XIX – repúblicas X monarquia no Brasil – ajudam a explicar essa distância entre as regiões. Além disso, há, obviamente, outras motivações. A vontade de civilização que tomou conta das jovens nações as afastou de seu passado escravista, quanto mais se avançou no século XIX. Já no fim da centúria, uma novidade..., a opinião pública (como a conhecemos hoje) nas grandes cidades do mundo ocidental e o discurso científico condenavam a escravidão e os resultados corrompidos que esse regime legara à humanidade, incluindo aí as mestiçagens, sobretudo as biológicas (como se ela não tivesse ocorrido antes e sob condições completamente distintas!). Portanto, não era o contexto apropriado para aproximações de realidades nacionais via escravismos outrora existentes, que, na verdade, haviam ligado intimamente essas regiões durante séculos. Ao contrário, esse passado precisava ser esquecido e, nesse quadro, a contraposição entre as repúblicas “libertárias” (não obstante a instituição escravista permanecer existindo posteriormente às independências) e o império escravista brasileiro se acentuou. Mais motivos e sem hierarquizá-los: os nacionalismos do fim do século XIX e da primeira metade do XX, assim como as visões ideologizadas e militantes do materialismo histórico marxista do século XX se encarregaram de constituir fronteiras igualmente “naturais” e intransponíveis entre essas regiões. Assim, o distanciamento entre áreas geográficas e entre contextos históricos nos quais o escravismo ocorreu com maior ou menos intensidade parece ser muito mais fruto de opções políticas, ideológicas e historiográficas posteriores às realidades escravistas, complexas, dinâmicas e conectadas que foram vivenciadas até o século XIX. Uma história comparada desse escravismo ampliado revelará, certamente, muito mais que um passado compartilhado e subsidiará a história de uma época mais próxima de nós, que “inventou” um passado idealizado para sustentar um presente e um futuro “civilizados” para uns, em oposição a um destino irremediavelmente “mestiço” e pretensamente degenerado para outros.